Paubrasilia **Artigo original**
https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218 2026, Vol. 9, e218

Nymphaeaceae Salisb. em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Nymphaeaceae Salisb. From Vitória da Conquista, Bahia, Brazil

Lucas S. Matos[1], e Claudenir S. Caires[1]

[1] Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Naturais, Laboratório de Botânica, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Palavras-chave
flora da Bahia, Planalto da Conquista, plantas aquáticas, Semiárido

Keywords
aquatic plants, flora of Bahia, Plateau of the Conquista, Semiarid

Recebido em: 11/11/2025
Aceito em: 26/03/2026

Editor: Jaílson S. Novais (UFSB)

Resumo

É apresentado um levantamento das espécies de Nymphaeaceae para o município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Foram realizadas nove expedições de coleta, durante o período de junho a outubro de 2024 e de março a julho de 2025, seguindo as rodovias e estradas vicinais abrangendo 10 distritos municipais e totalizando 27 lagoas amostradas. Ao todo foram coletados 24 espécimes pertencentes a três espécies de *Nymphaea*: *N. caerulea*, *N. lingulata* e *N. pulchella*. A espécie mais comum foi *N. caerulea*, encontrada de norte a sul do município; enquanto *N. pulchella* foi coletada apenas nos distritos de Cabeceira da Jiboia (porção sudeste) e de José Gonçalves (porção nordeste). É considerado como novo registro para o município a espécie *N. lingulata*, encontrada na lagoa Formosa (distrito de Iguá) e no riacho da Vereda (distrito de Inhobim). Apesar de Nymphaeaceae ser considerada pouco diversa em Vitória da Conquista, o município supera o estado do Amapá (uma espécie) e se aproxima dos valores registrados para o Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima, cujos registros apontam quatro espécies. Desta forma, considera-se que o município assemelha-se, em número de espécies registradas, a outros estados brasileiros.

Abstract

A survey of Nymphaeaceae species for the municipality of Vitória da Conquista, Bahia, Brazil, is presented. Nine sampling expeditions were conducted between June and October 2024 and between March and July 2025, following highways and secondary roads, covering 10 municipal districts and totalling 27 sampled lagoons. In total, 24 specimens belonging to three species of *Nymphaea* were collected: *N. caerulea*, *N. lingulata*, and *N. pulchella*. The most common species was *N. caerulea*, found from north to south of the municipality, while *N. pulchella* was collected only in the districts of Cabeceira da Jiboia (southeastern portion) and José Gonçalves (northeastern portion). The species *N. lingulata*, found in the Formosa lagoon (Iguá district) and in the Vereda stream (Inhobim district), is considered a new record for the municipality. Despite Nymphaeaceae being considered to have little diversity in Vitória da Conquista, the municipality surpasses the State of Amapá (one species) and approaches the values recorded Acre, Amazonas, Rondônia, and Roraima, which indicate four species. Therefore, the municipality is considered to be similar in the number of species recorded to those in other Brazilian States.

eISSN: 2595-6752

CC BY

Jardim Botânico FLORAS

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218 2026, Vol. 9, e218

Introdução

Nymphaeaceae faz parte da ordem Nymphaeales que, juntamente com as Amborellales e Austrobaileyales, formam o grado ANA das Angiospermas basais (APG IV, 2016). A família consiste de cinco gêneros e cerca de 100 espécies, cuja distribuição abrange as Américas do Norte e do Sul, Ásia, Austrália, China, Europa, Índia, Indonésia, Japão e Malásia (Plants of the World Online [POWO], 2026).

É formada por plantas herbáceas, anuais ou perenes. Seus caules são rizomatosos, de onde partem as folhas alternas, longo-pecioladas, simples, cuja lâmina varia entre linear, sagitada, cordada ou orbicular, que pode ser submersa, flutuante ou emergente. Suas flores, solitárias, em geral, axilares, são longo-pedunculadas, actinomorfas, hipóginas ou epíginas, quase sempre emergentes. Possuem sépalas, variando de 4–12, que podem ter aparência petaloide; as pétalas apresentam redução centrípeta e são ainda mais numerosas, atingindo até 70 por flor. Os estames são laminares, apresentando de 14–200 por flor, cujos microsporângios são alongados e adaxiais. Entre as pétalas mais internas e os estames férteis formam-se inúmeros estaminódios que vão centripetamente se tornando férteis. Os carpelos variam de 3–35, parcialmente fusionados a totalmente sincárpicos, com inúmeros lóculos, cuja placentação é parietal; os estiletes podem ser ausentes ou formar apêndices carpelares. O fruto é classificado como uma baga esponjosa, pluriseminal. As diminutas sementes são ovoides, com até 16 mm de comprimento, muitas vezes, ariladas (Schneider & Williamson, 1993).

Dos gêneros pertencentes à família, apenas *Nuphar* Smith, *Nymphaea* L. e *Victoria* Lindley ocorrem como nativos no Neotrópico, onde *Nuphar* é registrado na América do Norte, Cuba e México, *Victoria* na América do Sul e *Nymphaea*, o maior gênero da família com 65 espécies, é cosmopolita (POWO, 2026). No Brasil, há o registro de *Euryale ferox* Salisb. e *Nuphar pumila* (Timm) DC. como cultivadas, além de *Victoria amazonica* (Poepp.) J.E. Sowerby, *V. cruziana* Orb. e *Nymphaea*, com 27 espécies, todas estas consideradas nativas ou naturalizadas (Pellegrini, 2026). Dentre as Nymphaeaceae brasileiras, somente *Nymphaea* apresenta endemismo, com 10 espécies que ocorrem predominantemente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil (Pellegrini, 2026).

Um dos primeiros tratamentos taxonômicos para o país foi realizado por Caspary (1878), cuja obra englobou também *Nelumbo* Adans. (Nelumbonaceae) e *Cabomba* Aubl. (Cabombaceae), além de apresentar 10 espécies de *Nymphaea* e três de *Victoria*. Outro trabalho importante que englobou as espécies brasileiras foi o de Wiersema (1987), que revisou *Nymphaea* subgênero *Hydrocallis* para o Neotrópico. Recentemente, em 2021, foi apresentada uma revisão para as Nymphaeaceae do Brasil, na qual foram reconhecidos *Nymphaea*, com 21 espécies, e *Victoria amazonica* (C. T. Lima et al., 2021). Nesta obra foram também descritas cinco novas espécies, todas endêmicas do Brasil (C. T. Lima et al., 2021). Pivari et al. (2024) encontraram o registro de 19 espécies de *Nymphaea* (10 spp. no Nordeste) e duas de *Victoria*, com nenhuma ocorrendo no Nordeste. No entanto, Pellegrini (2026), em sua revisão para Flora e Funga do Brasil, traz para o Brasil 27 espécies de *Nymphaea* e duas de *Victoria*; dentre as *Nymphaea*, 17 espécies foram registradas no Nordeste.

Em se tratando de estudos regionais, podemos citar os trabalhos de Pott (1998), para o Pantanal de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; Pott e Pott (2000), para as plantas aquáticas do Pantanal brasileiro; Feres e Amaral (2003), que confeccionaram uma monografia da família para o estado de São Paulo; Sousa e Matias (2012, 2013), que estudaram as *Nymphaea* do Ceará; E. A. Lima et al. (2013), com estudos das angiospermas aquáticas da APA do Cariri, na Paraíba; C. T. Lima e Giulietti (2013), que descreveram uma nova espécie de *Nymphaea* para Pernambuco; Torres et al. (2016), que elaboraram um *checklist* das plantas aquáticas da Paraíba; A. D. R. Moreira e Bove (2017), que elaboraram uma monografia para a flora do Rio de Janeiro; Souza et al. (2017), que estudaram as macrófitas aquáticas do parque de Itaúnas no Espírito Santo; C. T. Lima (2018), que apresentou a família para a Serra dos Carajás, no Pará; C. T. Lima et al. (2018), que construíram uma monografia da família para Sergipe; S. N. Moreira e Pott (2018), que estudaram as Nymphaeales de Mato Grosso do Sul; Silva e Fontes (2018), que estudaram as macrófitas do nordeste maranhense; Almeida e Fabricante (2020), que analisaram as macrófitas aquáticas no município de Itabaiana, em Sergipe; Hora e Affonso (2021) apresentaram a família para o Parque Estadual da Serra do Mar, em São Paulo.

Quando se trata de estudos dessas plantas para a Bahia, encontramos os trabalhos de França et al. (2003), que estudaram a flora aquática de seis açudes presentes nos municípios de Anguera e Feira de Santana; e o de C. T. Lima et al. (2012), que elaboraram uma monografia da família para a flora da Bahia, na qual registraram seis espécies para o estado.

Segundo E. A. Lima et al. (2013), os estudos florísticos em ecossistemas aquáticos continentais no semiárido são escassos, mas vêm ganhando força a partir de 2010, com Bahia e Pernambuco liderando essa evolução nos estudos (Moura-Júnior et al., 2024). Mesmo que alguns trabalhos existam, ainda há muito a se pesquisar, dada a riqueza de espécies e de ambientes aquáticos no Brasil (Pott et al., 2024). Além disso, essas plantas são importantes colaboradores nesses ecossistemas, garantindo alimento e abrigo a diversos tipos de animais, auxiliando inclusive na estabilidade das margens desses corpos de água (E. A. Lima et al., 2013; Kaeser et al., 2017; Padovesi-Fonseca, 2008; Pott & Pott, 2000).

Nesse contexto ecológico, Caires et al. (2013) identificaram três gêneros de algas pertencentes a Chlorophyta, um gênero de Heterokontophyta e um de Cyanobacteria crescendo associados a membros de Nymphaeaceae na Bahia. Aliada a tudo isso, a capacidade de filtrar e despoluir os ambientes aquáticos torna o estudo dessas plantas de grande importância para a sociedade (Pott & Pott, 2000). No entanto, Lorenzi (2000) indica que as *Nymphaea* podem se proliferar desordenadamente, tornando-se indesejáveis, mas isso, quase sempre, está associado a um desequilíbrio, onde a poluição promove o aumento de nutrientes na água, facilitando o desenvolvimento dos vegetais.

Além das questões ecológicas, o apelo estético das *Nymphaea* e *Victoria*, aliado ao seu hábito aquático, tornaram esses vegetais conhecidos e cultivados em todo o mundo (Lorenzi, 2000; Schneider & Williamson, 1993). E, em alguns casos, podem ser utilizadas na medicina caseira (Lorenzi, 2000) e na culinária, onde as pétalas são consumidas cruas e os rizomas, após preparos apropriados (Kinupp & Lorenzi, 2014).

O objetivo do presente trabalho foi investigar a real diversidade e distribuição da família Nymphaeaceae no município de Vitória da Conquista, buscando corpos d'água lênticos que abrigavam espécies de *Nymphaea*, através de expedições esporádicas.

Material e Métodos

Área de estudo

O município de Vitória da Conquista (Figura 1) está localizado no sudoeste do estado da Bahia, com coordenadas geográficas de 14º30' a 15º30' de latitude Sul e 40º30' a 41º10' de longitude Oeste, abrangendo cerca de 3.405,6 km², localizado a cerca de 512 km de Salvador e compreendendo 11 distritos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2024; Jesus, 2010; Maia, 2005). De acordo com a classificação climática atualizada de Köppen, Vitória da Conquista, por estar localizada em uma região de Planalto, apresenta clima subtropical úmido com verão quente (Cfa) (Alvares et al., 2013).

As temperaturas médias variam de 9 ºC a 30 ºC, em julho e janeiro, respectivamente, com média anual de 19,6 ºC a 20 ºC e umidade média entre 70 e 85% (Jesus, 2010; Silveira, 2011). Já Conceição et al. (2016) indicam médias de temperatura mensais/anuais variando entre 17,8 ºC a 21,8 ºC, principalmente em março e julho, com temperaturas baixas em maio, junho, julho e agosto. A média anual de precipitação varia de 733,9 mm a 741 mm, com maior precipitação de novembro a janeiro (Murta et al., 2005; Silveira, 2011; Conceição et al., 2016).

As faixas vegetacionais estendem-se de norte a sul e de leste a oeste, com a porção sudeste do município variando de úmido a subúmido, com vegetação de Floresta Ombrófila Densa (Maia, 2005). Na porção sul e na porção noroeste, apresenta-se semiárido com Caatinga. Na maior faixa do território que atravessa o município de norte a sul, o clima é seco a subúmido, com Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Estacional Decidual (Maia, 2005). Essa fitofisionomia de Floresta Estacional

Semidecidual e Floresta Estacional Decidual em Vitória da Conquista compreende as matas-de-cipó, vegetação característica do Planalto da Conquista (Mori et al., 1981).

Coleta de dados e tratamento taxonômico

Ao todo foram realizadas nove expedições pelo município de Vitória da Conquista, seguindo a metodologia adaptada de Cáceres et al. (2008), que corresponde a amostragens oportunistas não quantitativas (casuísticas). No geral, essas coletas ocorreram ao longo de estradas vicinais buscando lagos e lagoas que abrigavam as *Nymphaea* (Figura 2a-d).

Essas expedições ocorreram entre os meses de junho a outubro de 2024, totalizando cinco expedições e 16 lagoas (Figura 2b,d). Entre os meses de março e julho de 2025 foram realizadas quatro expedições e avaliadas 11 lagoas (Figura 2a,c). Foram amostradas lagoas artificiais e naturais; aquelas consideradas artificiais eram construídas por produtores rurais para armazenagem de água da chuva e, em geral, não se encontravam em depressões de terreno e não apresentavam vegetação circundante com características de áreas úmidas. Já as naturais estavam presentes em relevo mais baixo, apresentando ao seu redor plantas de ambientes úmidos.

Os espécimes, por serem aquáticos, estavam quase sempre fora do alcance, portanto, foram coletados com o auxílio de um podão. Logo após a coleta, parte do material foi prensado ainda em campo, seguindo a metodologia de Fidalgo e Bononi (1989), ao passo que a outra parte foi separada em sacos plásticos para posterior análise no Laboratório de Botânica da UESB, *campus* de Vitória da Conquista. O material prensado foi acondicionado na estufa para desidratação, onde permaneceu por cerca de sete dias (Fidalgo & Bononi, 1989; Marinho & Leitão, 2014). Já o material separado em sacos plásticos foi dissecado, analisado e fotografado no mesmo dia da coleta, utilizado para a identificação e confecção das pranchas ilustrativas e, após as análises, foi incluído nas prensas e levado para secagem.

Após a total desidratação, as exsicatas foram armazenadas em caixas plásticas organizadoras contendo cravo e naftalina, para impedir a degradação do material. Ademais, foram consultados acervos dos herbários do Centro de Pesquisas do Cacau (CEPEC), Embrapa Amazônia Oriental (IAN) e da Universidade de Brasília (UB), via *online*, e da Universidade Federal da Bahia, *campus* Anísio Teixeira (HVC), presencialmente. A terminologia para as descrições e a identificação das espécies foram baseadas nas obras de C. T. Lima et al. (2021) e Pellegrini (2026). Logo após o término da pesquisa, os espécimes foram depositados no herbário HVC.

Para a confecção dos mapas de distribuição estadual da família e das espécies foi realizada uma busca na base de dados do *SpeciesLink* CRIA (2025), utilizando os seguintes buscadores: campo família <nymphaeaceae>; campo nome científico <nymphaea caerulea>, <nymphaea lingulata>, <nymphaea pulchella>; campo estado <bahia>; campo município <vitoria da conquista>, <conquista>. As planilhas em Excel oriundas dessas buscas, incrementadas com os dados das coletas realizadas durante as expedições à campo, foram utilizadas para a confecção dos mapas de distribuição geográfica através do programa QGIS.

Resultados e Discussão

Foi amostrado um total de 24 espécimes, distribuídos em três espécies, todos pertencentes a *Nymphaea*: *N. caerulea* Savigny (15 espécimes), *N. lingulata* Wiersema (três espécimes) e *N. pulchella* DC. (seis espécimes). Das consultas aos herbários CEPEC, HVC, IAN e UB, localizamos apenas quatro exemplares oriundos de Vitória da Conquista, todos pertencentes a *N. caerulea* (*SpeciesLink* CRIA, 2025). Neste trabalho, registrou-se *N. lingulata* como nova ocorrência para o município.

De acordo com C. T. Lima et al. (2012), existia para Vitória da Conquista apenas *Nymphaea pulchella* (*Belém 1232* - CEPEC). No entanto, duas duplicatas desse material depositadas nos herbários IAN e UB apresentavam uma identificação de C.T. Lima, registrada em 2011 e 2012, respectivamente, como pertencentes à *N. caerulea*. Ao ser analisado, o espécime *Belém 1232* apresentou caracteres da folha e coloração da flor similares ao encontrado em *N. caerulea* e, portanto, consideramos a identificação de C.T. Lima nos espécimes em herbário como correta.

Apesar da família ter apresentado três espécies em Vitória da Conquista, o município supera o estado do Amapá (uma espécie) e se aproxima dos valores registrados para o Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima, cujos dados apontam quatro espécies (Tabela 1) (Pellegrini, 2026).

Quando se filtra, na base de dados Flora e Funga do Brasil (Pellegrini, 2026), pelos estados que registraram simultaneamente as três espécies ocorrentes em Vitória da Conquista, nota-se a predominância daqueles oriundos das regiões Nordeste e Sudeste (Tabela 1). Duas das espécies registradas em Vitória da Conquista estão entre as três espécies mais amplamente distribuídas no Brasil, com *N. lingulata* registrada para 19 estados e o Distrito Federal (DF) e *N. pulchella* com ocorrência para 18 estados, as quais ocupam a segunda e a terceira posição, respectivamente; *N. amazonum* Mart. & Zucc. está em primeiro lugar, como a espécie mais comum, ocorrendo em 23 estados mais o Distrito Federal (Pellegrini, 2026).

Tratamento taxonômico

Nymphaea L.

Ervas rizomatosas perenes, fixas no substrato. Folhas flutuantes inermes, lâmina orbicular a sagitada, margem inteira, sinuosa, serreada ou dentada. Flores brancas, amarelas, róseas, vermelhas ou lilases. Cálice dialissépalo, 3–5 sépalas. Corola dialipétala, 12–50 pétalas. Androceu numeroso, em geral, mais de 100 estames, muitas vezes apresentando estaminódios externamente e próximos das pétalas. Carpelos 5–35, livres ou fusionados, às vezes, basalmente sincárpicos; os apêndices carpelares podem estar ausentes ou presentes e neste último caso circundando o disco estigmático. Frutos bagas globoides ou elipsoides com numerosas sementes embebidas em um arilo esponjoso (Schneider & Williamson, 1993).

O nome genérico provém do grego "numphaîa", que significa "sagrado para as ninfas", fazendo uma alusão ao hábitat desse grupo de plantas (Harris, 2025). Possui distribuição cosmopolita, ocorrendo em regiões tropicais e temperadas e está dividido em cinco subgêneros (Schneider & Williamson, 1993). No Brasil, ocorre de Norte a Sul em ambientes lóticos de correnteza leve, além de lagoas, lagos e diversas outras formações de água doce tanto temporárias quanto permanentes (C. T. Lima et al., 2021). Das 27 espécies que ocorrem no Brasil, 21 são nativas, quatro naturalizadas e duas cultivadas (C. T. Lima et al., 2021; Pellegrini, 2026). Das espécies nativas do Brasil, 10 são endêmicas ao país (Pellegrini, 2026).

Das Nymphaeaceae brasileiras, *Nymphaea* pode ser facilmente distinto de *Victoria*, pois este último apresenta acúleos em quase toda a planta, incluindo as sépalas; suas folhas são peltadas, com face abaxial espinhosa e margem patente formando uma borda contínua ao seu redor (Pellegrini, 2026; Schneider & Williamson, 1993).

Na Bahia só há o registro de *Nymphaea*, com 13 espécies reconhecidas atualmente, das quais quatro são endêmicas do Brasil (Pellegrini, 2026). É um gênero muito utilizado na ornamentação devido à beleza de suas flores grandes e vistosas (Lorenzi & Souza, 2001). Antese predominantemente noturna, com exceção de *N. caerulea* (Wiersema, 1987) e *N. pulchella* (C. T. Lima et al. 2021), que são diurnas. As espécies com floração diurna comumente são polinizadas por abelhas; já para as noturnas, há registros de cantarofilia (Schneider & Williamson, 1993).

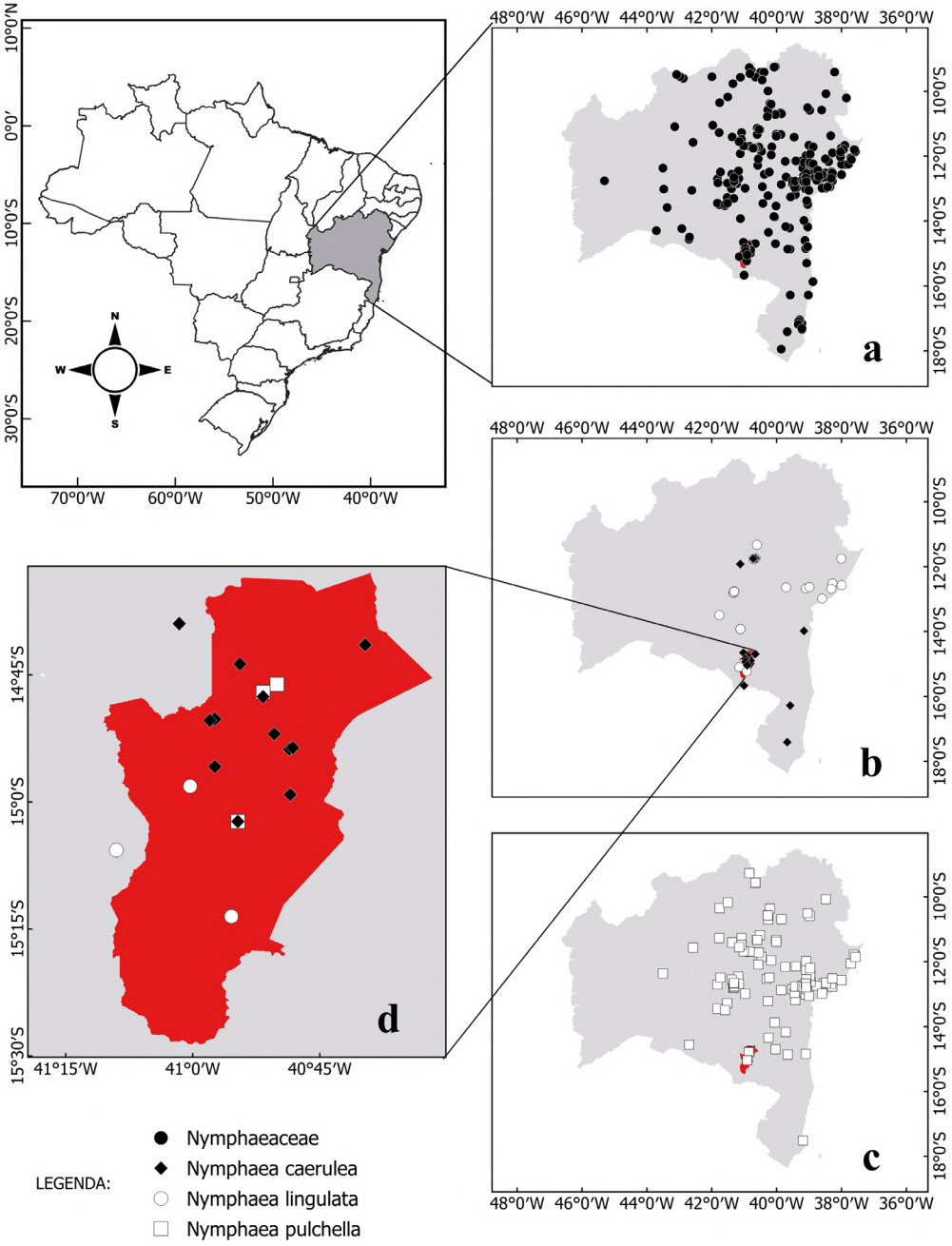
Chave para as espécies de *Nymphaea* registradas no município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

1. Margem da lâmina foliar serreada; flores brancas …… …….. *Nymphaea pulchella*
Margem da lâmina foliar inteira; flores cremes ou lilases 2
2. Flores lilases; gineceu apocárpico e apêndices carpelares triangulares e amarelos ..... *Nymphaea caerulea*
Flores cremes; gineceu sincárpico e apêndices carpelares lineares e arroxeados ..... *Nymphaea lingulata*

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218 2026, Vol. 9, e218

Figura 1

a. Mapa de Distribuição da Família Nymphaeaceae Para o Estado da Bahia. b. Distribuição de Nymphaea caerulea *Savigny e* N. lingulata *Wiersema Para o Estado da Bahia. c. Distribuição de* N. pulchella *DC. Para o Estado da Bahia. d. Distribuição das Espécies Mencionadas Anteriormente Para o Município de Vitória da Conquista*



Nota. Os dados de distribuição estadual são oriundos dos herbários presentes no banco de dados do *SpeciesLink* CRIA (2025).

1. *Nymphaea caerulea* Savigny, Dec. Egypt. 1798; 1:74. Figuras 1b-d; 3a-n.

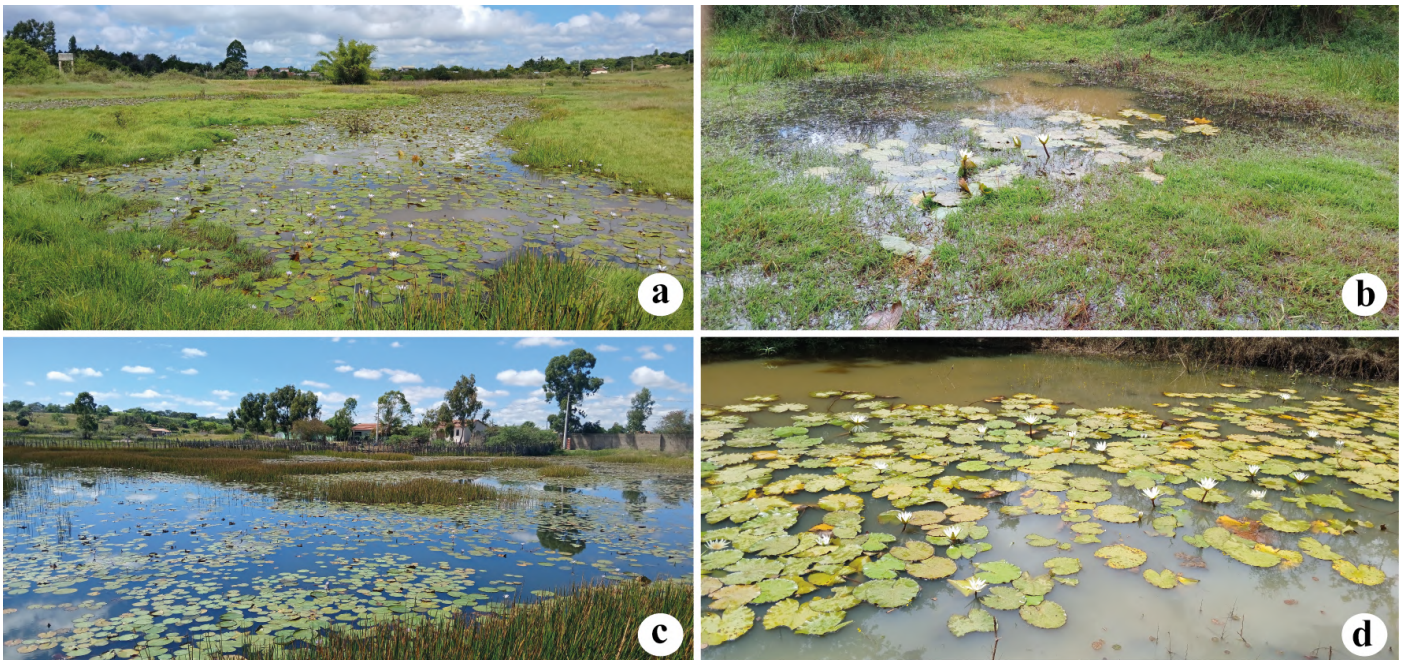
Folhas 14,0–33,0 × 10,5–27,5 cm, pecíolo 2,0–6,0 mm diâm., avermelhado, glabrescente, sem anel de tricomas no ápice, 2 canais de ar maiores centrais e 2 menores periféricos, além de 10–11 pequenos circundantes; lâmina cartácea, orbicular, ápice arredondado, margem inteira ou repanda, superfície adaxial verde, venação evidente, superfície abaxial maculada de manchas pretas *in sicco*, verde clara na região central próximo ao pecíolo e vermelho a arroxeada próximo à margem, nervuras principais proeminentes. Flor acima da lâmina d'água, pedicelo 2,5–8,0 mm diâm., castanho-esverdeado, glabro, canais de ar 7 maiores centrais e 14 menores periféricos; perianto 9,8–15,5 cm diâm., sépalas 4, lanceoladas, verde-claras, com máculas escuras a avermelhadas, ápice agudo; pétalas 12–15, totalmente lilases, quando secas azuladas, oblongo-lanceoladas a lineares, ápice agudo a acuminado, 4 mais externas, ligeiramente sepaloides, manchas escuras na base e branco-azuladas no ápice, oblongo-lanceoladas, ápice agudo; transição para estames abrupta, estames 59–65, 8–14 mais externos com base alargada amarela e prolongamento terminal lilás, 19 intermediários de base alargada amarela e prolongamento terminal lilás, 32 internos quase inteiramente amarelos com ápice azulado, anteras amarelas; ovário súpero, carpelos 14–16, livres, coniventes, apêndices carpelares 1,5 mm de compr., amarelos, triangulares, ápice agudo. Sementes ovoides, acastanhadas, reticuladas, arilo membranoso bem evidente.

Nymphaea caerulea pertence ao subgênero *Brachyceras*, caracterizado pelo gineceu apocárpico, carpelos coniventes e apêndices carpelares pequenos, triangulares e achatados (Pellegrini, 2026). É uma espécie de origem africana que ocorre no Brasil como naturalizada (C. T. Lima et al., 2012; Pellegrini, 2026), comumente utilizada e recomendada na ornamentação de lagos (Norte et al., 2015). O seu epíteto específico refere-se à cor de suas pétalas com tons azulados e, por esse motivo, são conhecidas popularmente como lótus-azul, mas também chamadas de lírio-d-'água ou flor-de-lis-sagrada (A. D. R. Moreira & Bove, 2017; Kaeser et al., 2017).

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218 2026, Vol. 9, e218

Figura 2

Lagoas no Município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil



Nota. a. Distrito de Iguá, 14°55'50"S, 40°53'16"W, 858 m. b. Área urbana de Vitória da Conquista, 14°47'06"S, 40°51'40"W, 903 m. c. Distrito de Pradoso, 14°50'14"S, 40°57'22"W, 867 m. d. Distrito de José Gonçalves, 14°47'03"S, 40°51'41"W, 892 m.

Tabela 1

Dados Comparativos Entre as Espécies de Nymphaea *Registradas em Vitória da Conquista (VC) com os Estados Brasileiros Menos Diversos Para a Família e com Aqueles Estados que Apresentam Simultaneamente Todas as Espécies Registradas no Município*

Espécies de *Nymphaea* [1]**primeira mais comum no Brasil** [2]**segunda mais comum no Brasil** [3]**terceira mais comum no Brasil**	**Estados brasileiros com os menores registros de *Nymphaea***								**Estados brasileiros que apresentam simultaneamente todas as espécies encontradas em Vitória da Conquista e aquelas dos estados menos diversos**
	5 espécies		**4 espécies**				**1 sp.**	**3 spp.**	
	DF	**PR**	**AC**	**AM**	**RO**	**RR**	**AP**	**VC**	
N. amazonum Mart. & Zucc.[1]	X	X	X		X				BA-ES-MG-PB-PE-RJ-RN-SP
N. caerulea Savigny		X						X	BA-ES-MG-PB-PE-RJ-RN-SP
N. gardneriana Planch.	X	X	X			X			MG-PB-SP
N. glandulifera Rodschied			X	X		X			
N. jamesoniana Planch.	X				X				BA-MG-PB-PE-RN
N. lingulata Wiersema[2]	X				X			X	BA-ES-MG-PB-PE-RJ-RN-SP
N. oxypetala Planch.	X								
N. potamophila Wiersema				X					
N. pulchella DC.[3]		X						X	BA-ES-MG-PB-PE-RJ-RN-SP
N. rudgeana G.Mey.		X		X	X	X	X		BA-ES-MG-PB-PE-RJ-RN-SP
N. tenerinervia Casp.			X	X		X			BA-RN

Nota. Dados recuperados de Pellegrini (2026).

De acordo com Pellegrini (2026), essa espécie distribui-se no país pelas regiões Sul e Sudeste, além dos estados da Bahia, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Os registros dos herbários presentes no banco de dados do *SpeciesLink* CRIA (2025), apontam uma distribuição na Bahia bem restrita (Figura 1b), ocorrendo em sete municípios: Arataca, Camamu, Encruzilhada, Eunápolis, Piritiba, Teixeira de Freitas e Vitória da Conquista.

Segundo A. D. R. Moreira e Bove (2017), sua floração e frutificação ocorrem durante todo o ano. Em Vitória da Conquista foi observada com flores nos meses de fevereiro a outubro. C. T. Lima (2018) informa que os representantes desse subgênero no Brasil apresentam antese diurna e, na Bahia, foi registrada a visitação das flores por *Apis mellifera* e *Trigona spinipes* (C. T. Lima et al., 2012). Kaeser et al. (2017) identificaram a autogamia e autopolinização, mas a polinização entomófila demonstrou-se mais eficiente, produzindo sementes em número dez vezes maior. Além das abelhas do gênero *Trigona*, Kaeser et al. (2017) registraram a visitação também por *Tetragonisca* sp. (conhecida como abelha-jataí), justificada muitas vezes pelo perfume adocicado de suas flores.

No município de Vitória da Conquista, *Nymphaea caerulea* foi a espécie mais comum, ocorrendo em praticamente todas as áreas amostradas, em

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218 2026, Vol. 9, e218

geral, associada a *N. pulchella*. Essa espécie pode ser distinta das demais presentes no município pelas suas flores de coloração lilás, folhas de margem lisa com face abaxial verde escura, com a porção marginal avermelhada a arroxeada.

Materiais Examinados: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, bairro Santo Marta, 14º53'47.6" S, 40º48'35.1" W, fl., 10/VI/2024, *Matos & Caires* 01 (HVC); *ibidem*, fl., 10/VI/2024, *Matos & Caires* 02 (HVC); Distrito de José Gonçalves, povoado de Itaipu, 14º41'27.7" S, 40º39'37" W, fl., 01/VII/2024, *Matos et al.* 03 (HVC); *ibidem*, fl., 01/VII/2024, *Matos et al.* 04 (HVC); rodovia para a Serra do Marçal, 14º59'08.32" S, 40º48'29.36 W, fl., fr., 23/VIII/2024, *Matos & Caires* 06 (HVC); *ibidem*, 14º59'08.32"S, 40º48'29.36 W, fl., fr., 23/VIII/2024, *Matos & Caires* 07 (HVC); Distrito José Gonçalves 14º47'03" S, 40º51'41" W, fl., 11/IX/2024, *Matos et al.* 10 (HVC); 14º43'43" S, 40º54'25" W, fl., 11/IX/2024, *Matos et al.* 11 (HVC); *campus* da UESB, 14º53'37" S, 40º48'11.3" W, fl., 01/X/2024, *Matos et al.* 14 (HVC); Distrito de Pradoso, 14º50'13.14" S, 40º57'23.42" W, fl., 15/III/2025, *Matos et al.* 15 (HVC); *ibidem*, 14º50'23.66" S, 40º57'58.97" W, fl., 15/III/2025, *Matos et al.* 16 (HVC); 14º55'50" S, 40º57'23" W, fl., 12/IV/2025, *Matos et al.* 17 (HVC); Distrito Cabeceira da Jiboia, 15º02'19" S 40º54'40" W, fl., 02/VII/2025, *Matos et al.* 33 (HVC); rodovia BR-4, 26/VI/1965, *Belém* 1232 (CEPEC, IAN, UB); Parque Imperial, fl., 22/III/2021, *Azevedo* 1150 (HVC); Distrito de Pradoso, 14º50'14" S, 40º57'23" W, fl., 17/II/2023, *Caires & Soares* 803 (HVC); lagoa temporária no pasto próximo à margem do rio verruga atrás da shopping Boulevard, 14º52'55" S, 40º48'08" W, 854 m, fl., 02/V/2025, *Caires et al.* 997 (HVC).

Material Adicional Examinado: BRASIL, Bahia: Anagé, 14º38'57" S, 41º01'35" W, fl., 11/IX/2024, *Matos et al.* 12 (HVC).

2. *Nymphaea lingulata* Wiersema, Brittonia 1984; 36: 2015. Figuras 1b,d; 4a-j.

Folhas 9,0–18,0 × 7,0–14,0 cm, pecíolo 2,0–3,0 mm diâm., amarronzado, glabro, sem anel de tricomas no ápice, 4 canais de ar centrais, 2 maiores e 2 menores, 4 pequenos canais periféricos localizados em lados opostos, podendo existir até 3 canais menores periféricos adicionais; lâmina cartácea, largo-ovada, ápice arredondado, margem inteira, lisa ou pouco repanda, superfície adaxial verde escuro, nervuras não impressas, venação pouco visível, superfície abaxial vinácea, nervuras principais proeminentes de coloração esverdeada. Flor na lâmina d'água, pedicelo 3,0 mm diâm., amarronzado, glabro, canais de ar 5 maiores centrais e 10 menores periféricos; perianto 10,0–13,0 cm diâm., sépalas 4, lanceoladas, castanho-esverdeadas externamente e internamente esbranquiçadas, sem máculas, ápice agudo; pétalas 12, cremes, quando secas amarelo-alaranjadas, elíptico-lanceoladas, ápice agudo; transição abrupta para estames, estames 103, 19 externos com base alargada e prolongamento terminal creme, 30 intermediários, base pouco alargada, externamente creme, internamente arroxeada e prolongamento terminal creme, 54 internos, base externamente creme e internamente arroxeada, ápice creme, anteras cremes; ovário súpero, carpelos 24, fusionados, apêndices carpelares 6,0–8,0 mm compr., lineares, curvos para região central do ovário, base arroxeada, ápice obtuso, creme. Sementes não observadas.

Nymphaea lingulata pertence ao subgênero *Hydrocallis*, caracterizado por gineceu sincárpico, carpelos concrescidos, apêndices carpelares longos e lineares (Pellegrini, 2026). O epíteto específico refere-se à forma de pequena língua de seus apêndices carpelares (Pott, 1998; Pott & Pott, 2000).

É uma espécie endêmica do Brasil (Wiersema, 1987) e de acordo com Pellegrini (2026), distribui-se no país pelas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste, além dos estados do Pará, Tocantins e Rondônia, considerada a segunda espécie mais amplamente distribuída no Brasil. Os registros dos herbários presentes no banco de dados do *SpeciesLink* CRIA (2025) indicam que sua distribuição na Bahia é restrita (Figura 1b), ocorrendo em doze municípios, sendo eles Andaraí, Aramari, Camaçari, Conde, Contendas do Sincorá, Cruz das Almas, Mata de São João, Miguel Calmon, Muritiba, Piritiba e Rio de Contas. No entanto, C. T. Lima et al. (2012) indicam a sua ocorrência também para São Francisco do Conde.

Segundo Pott (1998), *N. lingulata* floresce de março a dezembro no Pantanal brasileiro, onde foi observada em lagoas levemente alcalinas com solo arenoso. C. T. Lima et al. (2021) citam sua floração como ocorrendo o ano todo e sua ocorrência em rios com correnteza leve e lagoas temporárias, comumente associada a *N. pulchella*. Sua floração nesta pesquisa foi registrada apenas no mês de abril, coincidindo com a época de floração indicada por A. D. R. Moreira e Bove (2017) para o Rio de Janeiro. É considerada uma espécie de antese noturna com duração de dois dias, provavelmente polinizadas por besouros (C. T. Lima et al., 2021; Pott & Pott, 2000), apresentando odor de acetona ou éter (C. T. Lima et al. 2012; Pott & Pott, 2000) ou um odor forte e adocicado (A. D. R. Moreira & Bove, 2017).

Em Vitória da Conquista essa espécie foi de rara ocorrência, observada apenas em dois pontos amostrados, além do município vizinho, Belo Campo. Um dos exemplares coletados (*Matos et al. 34)* apresentou variação na coloração do perianto, tornado-se arroxeado quando seco, divergindo dos demais exemplares que se apresentaram amarelo-alaranjado após a desidratação. Essa espécie pode ser distinta das demais presentes no município pelas suas flores de coloração creme, folhas de margem lisa com face abaxial arroxeada.

Materiais Examinados: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, Distrito de Iguá, Lagoa formosa, 14º55'50" S, 40º57'23" W, fl., 12/IV/2025, *Matos et al.* 18 (HVC); Distrito de Inhobim, riacho da Vereda, 15º13'32" S, 40º55'26" W, estéril, 02/VII/2025, *Matos et al.* 34 (HVC).

Material Adicional Examinado: BRASIL, Bahia: Belo Campo, Tamanduá, 15º05'15" S, 41º09'01" W, fl., 12/IV/2025, *Matos et al.* 19 (HVC).

3. *Nymphaea pulchella* DC., Syst. Nat. (Candolle) 1821; 2: 51. Figuras 1c-d; 5a-o.

Folhas 22,5–40,5 × 18,0–33,3 cm, pecíolo 4,0–5,0 mm diâm., vináceo, glabro, sem anel de tricomas no ápice, 2 canais de ar centrais maiores e 2 menores periféricos além de 11 pequenos circundantes; lâmina cartácea, orbicular, ápice arredondado, margem serreada, superfície adaxial verde claro com escassas máculas vináceas, venação evidente, não impressas, superfície abaxial totalmente vinácea, venação proeminente. Flor acima da lâmina d'água, pedicelo 4,0–8,0 mm diâm., vináceo, glabro, canais de ar 6 maiores centrais e 12 periféricos podendo existir até 24 canais de ar menores após os periféricos; perianto 15,3-23,5 cm diâm., sépalas 4–5, lanceoladas, verde-claras com máculas escuras vináceas externamente e brancas internamente, ápice agudo; pétalas 15–17, totalmente brancas, quando secas cremes a castanhas, estreito-elípticas, ápice agudo, 2 mais externas, ligeiramente sepaloides, elíptico-lanceoladas, ápice agudo; transição para estames abrupta, estames 100, 7 externos com base alargada, verde-amarelada e prolongamento terminal branco, 28 intermediários, base alargada amarela e prolongamento terminal esbranquiçado, 65 internos quase inteiramente amarelos com ápice esbranquiçado, anteras amarelas; ovário súpero, carpelos 16–22, livres e conviventes, apêndices carpelares, 2,0 mm compr., amarelos, triangulares, ápice agudo. Sementes ovoides, levemente vináceas, arilo membranoso evidente.

Nymphaea pulchella também pertence ao subgênero *Brachyceras*, sendo a única no Brasil desse subgênero a possuir flores brancas (Pellegrini, 2026). Sua distribuição abrange os trópicos e subtrópicos das Américas, ocorrendo desde o México até o Brasil, incluindo as ilhas do Caribe (Wiersema et al., 2008). O seu epíteto específico refere-se a beleza e grandiosidade de suas flores.

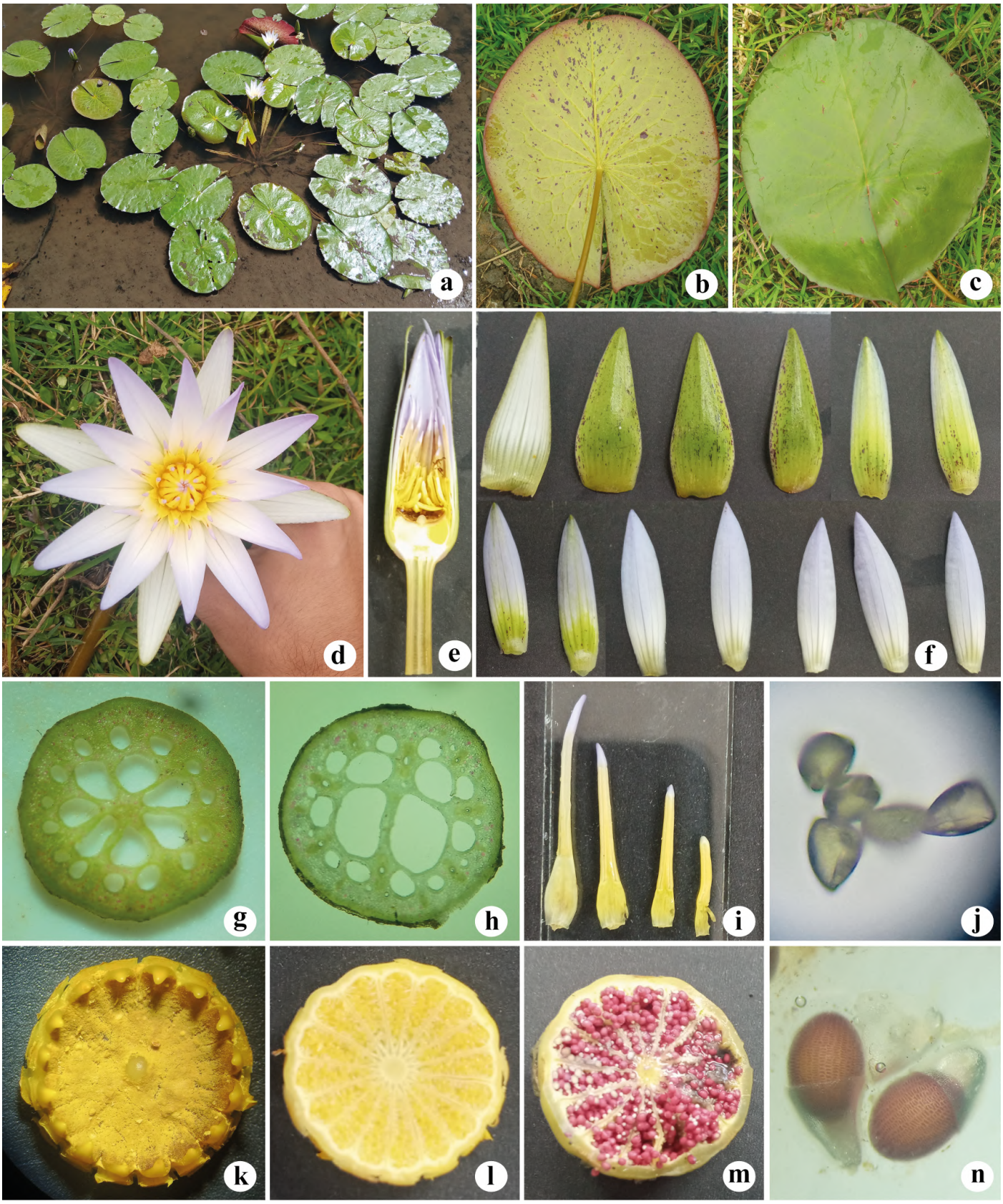
De acordo com Pellegrini (2026), essa espécie distribui-se no país pelas regiões Nordeste, Sul e Sudeste, além dos estados de Goiás e Pará, considerada a quarta espécie mais distribuída pelo Brasil. Segundo os registros dos herbários presentes no banco de dados do *SpeciesLink* CRIA (2025), sua distribuição na Bahia é ampla (Figura 1c), ocorrendo em 53 municípios, porém, C. T. Lima et al. (2012) registram-na em 39 municípios. Segundo A. D. R. Moreira e Bove (2017) e C. T. Lima et al. (2021), floresce e frutifica durante todo o ano. Suas flores são diurnas com duração de quatro dias, apresentando aroma adocicado e são polinizadas principalmente por abelhas da espécie *Trigona spinipes*, mas também visitada por *Apis mellifera* (C. T. Lima et al., 2012, 2021). Estudos realizados por Chalegre et al. (2020) reconheceram que *N. pulchella* é autógama com autopolinização tardia, mas a produção de frutos é maior na polinização por insetos, principalmente por *T. spinipes*, a qual também consome as peças florais. Em Vitória da Conquista suas flores foram observadas nos meses de julho e setembro.

No município de Vitória da Conquista, *N. pulchella* apresentou distribuição em três das áreas amostradas, e é a segunda espécie mais comum

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218 2026, Vol. 9, e218

Figura 3

Nymphaea caerulea *Savigny*



Nota. a. Hábito. b. Face abaxial da folha. c. Face adaxial da folha. d. Flor. e. Corte longitudinal da flor. f. Sépalas (acima) e pétalas (abaixo). g. Corte transversal do pedicelo. h. Corte transversal do pecíolo. i. Transformação dos estames. j. Pólen. k. Apêndices carpelares. l. Corte transversal do ovário. m. Corte transversal do fruto. n. Sementes.

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218 2026, Vol. 9, e218

no município. Esta pode ser reconhecida dentre as demais ocorrentes no município pela suas flores de coloração branca, folhas de margem crenada a serreada, com face abaxial totalmente vinácea.

Materiais Examinados: Brasil, Bahia: Vitória da Conquista, povoado de Caiçara, 14º46'07.40" S, 40º50'01.82" W, fl., 01/VII/2024, *Matos et al.* 05 (HVC); Distrito de José Gonçalves, 14º47'06" S, 40º51'40" W, fl., 11/IX/2024, *Matos et al.* 8 (HVC); *ibidem*, 14º47'03" S, 40º51'41"W, fl., fr., 11/IX/2024, *Matos et al.* 9 (HVC); Distrito Cabeceira da Jiboia, 15º02'19" S, 40º54'40" W, fl., 02/VII/2025, *Matos et al.* 31 (HVC); *ibidem*, fl., 02/VII/2025, *Matos et al.* 32 (HVC).

Material Adicional Examinado: Brasil, Bahia: Anagé, 14º41'47" S, 40º48'11.3" W, fl., 11/IX/2024, *Matos et al.* 13 (HVC).

Figura 4

Nymphaea lingulata *Wiersema*

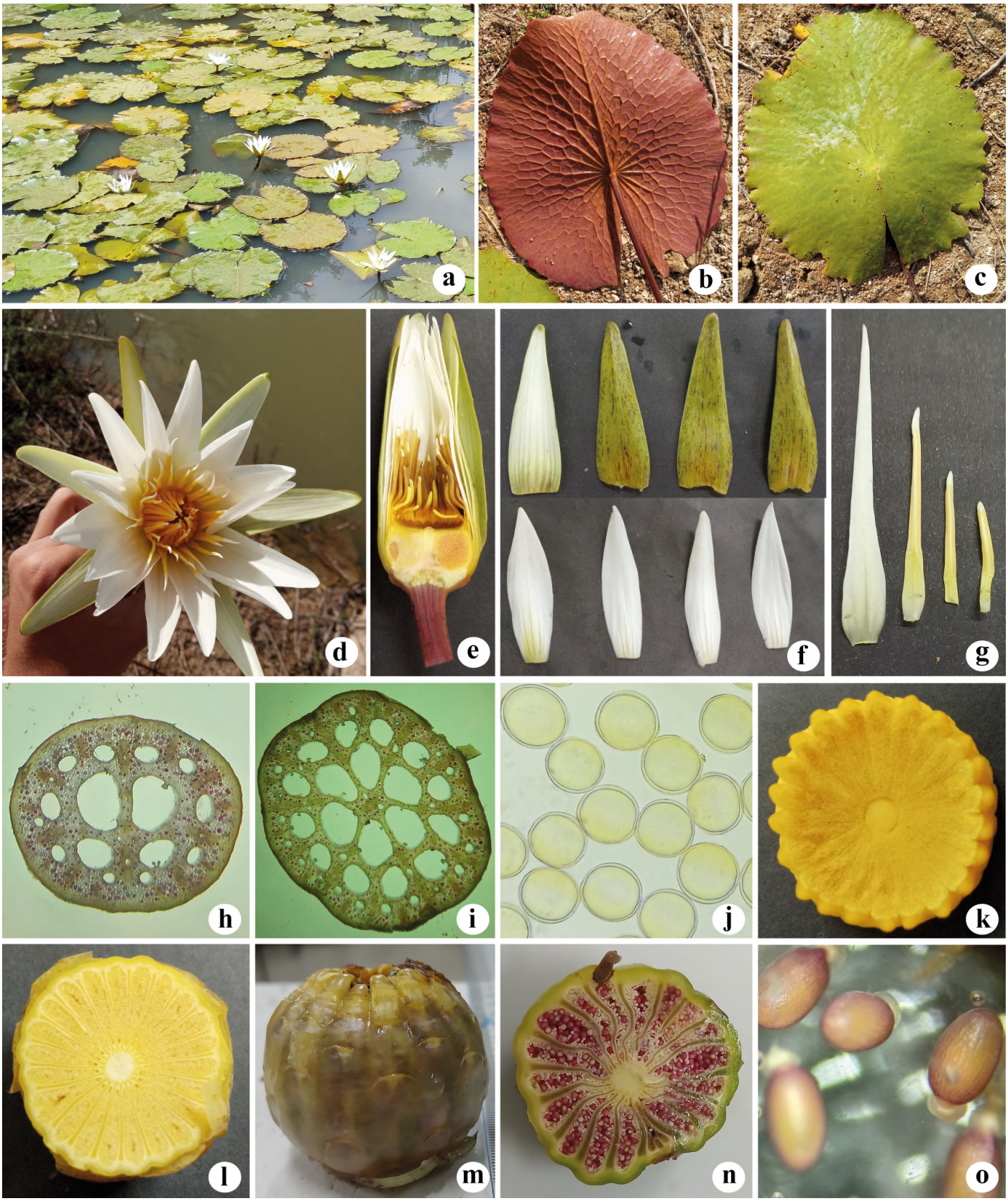


Nota. a. Hábito. b. Face abaxial da folha. c. Face adaxial da folha. d. Flor. e. Sépalas (acima), pétalas (abaixo). f. Corte transversal do pecíolo à esquerda e do pedicelo à direita. g. Transformação dos estames. h. Pólen. i. Apêndices carpelares. j. Corte transversal do ovário.

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218 2026, Vol. 9, e218

Figura 5

Nymphaea puchela *DC.*



Nota. a. Hábito. b. Face abaxial da folha. c. Face adaxial da folha. d. Flor. e. Corte longitudinal da flor. f. Sépalas (acima) e pétalas (abaixo). g. Transformação dos estames. h. Corte transversal do pecíolo. i. Corte transversal do pedicelo. j. Pólen. k. Apêndices carpelares. l. Corte transversal do ovário. m. Fruto. n. Corte transversal do fruto. o. Semente.

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218 2026, Vol. 9, e218

Conclusão

Confirmou-se a ocorrência de três espécies de *Nymphaea* para Vitória da Conquista; *N. lingulada* foi registro inédito. Ademais, *N. caerulea* também se destaca por sua ampla distribuição no município. Com os resultados obtidos é possível dizer que, apesar da baixa diversidade de espécies de Nymphaeaceae, a família encontra-se muito bem distribuída ao longo de todo município, devido à grande quantidade de lagos e lagoas que o município apresenta, favorecido por sua geografia e pela necessidade de armazenagem de água para as plantações e criações no período da seca. Logo, são necessários mais estudos para a família, a fim de averiguar os mecanismos que permitiram sua ampla distribuição em uma região do semiárido brasileiro com lagoas sem conexão direta.

Considerando que França et al. (2003), ao analisarem seis açudes encontrados nos municípios de Anguera e Feira de Santana, encontraram apenas uma espécie [i.e., *N. ampla* (Salisb.) DC.], o fato de registrarmos três espécies em Vitória da Conquista demonstra que o município possui uma boa representação da família no estado. Além, é claro, da diversidade municipal ser similar ou maior àquela encontrada em alguns estados brasileiros.

É válido indicar as *Nymphaea* aqui citadas para a ornamentação das lagoas localizadas nos parques municipais, principalmente no Parque Municipal da Lagoa das Bateias. Assim, o grande espelho de água permanecerá visível, mas terá a presença dessas plantas embelezando o ambiente, ajudando na despoluição da lagoa, além de servir de alimento a insetos e de pouso e nidificação para aves, contribuindo para o equilíbrio ambiental.

Agradecimentos

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pelo suporte logístico; ao Laboratório de Botânica, pela disponibilização do espaço e dos equipamentos utilizados na realização da pesquisa, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de Iniciação Científica ao primeiro autor.

Financiamento

Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio da bolsa de Iniciação Científica concedida ao primeiro autor, e pelo AuxPPI/UESB, Edital 267/2024, T.O. 031/2025, ambos vinculados ao projeto de pesquisa "Flora e Funga de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil".

Contribuições de Autoria

Administração do projeto: CSC. Análise formal: LSM, CSC. Aquisição de financiamento: CSC. Conceitualização: LSM, CSC. Curadoria de dados: LSM. Investigação: LSM, CSC. Metodologia: LSM, CSC. Programas: LSM. Recursos: CSC. Redação - rascunho original: LSM, CSC. Redação - revisão e edição: CSC. Supervisão: CSC.

Conflito de Interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse a informar.

Disponibilidade dos Dados

Os dados integrais analisados para o estudo atual estão apresentados no corpo do manuscrito e os espécimes estão depositados no herbário HVC.

Conformidade Ética

O acesso ao patrimônio genético aqui apresentado foi cadastrado no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético (SisGen) sob o número A54448A.

Referências

Almeida, T. S., & Fabricante, J. R. (2020). Macrófitas aquáticas do Açude da Marcela, Itabaiana, Sergipe, Brasil. *Natureza Online*, *18*(1), 15–21.

Alvares, C. A., Stape, J. L., Sentelhas, P. C., Gonçalves, J. L. M., & Sparovek, G. (2013). Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorologische Zeitscheift*, *22*(6), 711–728.

APG IV. (2016). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society*, *181*(1), 1–20. https://doi.org/10.1111/boj.12385

Cáceres, M. E. S., Lücking, R., & Rambold, G. (2008). Efficiency of sampling methods for accurate estimation of species richness of corticolous microlichens in the Atlantic rainforest of northeastern Brazil. Biodiversity and Conservation, *17*(6), 1285–1301. https://doi.org/10.1007/s10531-008-9342-3

Caires, T. A., Lima, C. T., Leite, K. R. B., & Nunes, J. M. C. (2013). Algas e cianobactérias associadas às Nymphaeaceae em lagoas temporárias do Semiárido baiano: dados preliminares. *Anais do 64 Congresso Nacional de Botânica*. SBB.

Caspary, R. (1878). Nymphaeaceae. In C. F. P. Martius, A. G. Eichler & I. Urban (Eds.). *Flora Brasiliensis* (vol. 4, pars. 2, pp. 129–184). R. Oldenbourg.

Chalegre, S. F., Domingos-Melo, A., Lima, C. T., Giulietti, A. M., & Machado, I. C. (2020). *Nymphaea pulchella* (Nymphaeaceae) and *Trigona spinipes* (Apidae) interaction: from florivory to effective pollination in ponds surrounded by pasture. *Aquatic Botany*, *166*, e103267. https://doi.org/10.1016/j.aquabot.2020.103267

Conceição, R. S., Pereira, L. B., & Veiga, A. J. P. (2016). Análise da temperatura do ar, precipitação, evapotranspiração, déficit e excedente hídrico em Vitória da Conquista – Bahia, de 1961 a 1990. *Revista Eletrônica Geoaraguaia*, *6*(1), 71–83.

Feres, F., & Amaral, M. C. E. (2003). Nymphaeaceae. In M. G. L. Wanderley, G. J. Shepherd, A. M. Giulietti & T. S. Melhen (Eds.), *Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo* (vol. 3, pp. 441–451). Fapesp/RiMa.

Fidalgo, O., & Bononi, V. L. R. (1989). *Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico*. Instituto de Botânica.

França, F., Melo, E., Góes-Neto, A., Araújo, D., Bezerra, M. G., Ramos, H. M., Castro, I., & Gomes, D. (2003). Flora vascular de açudes de uma região do semi-árido da Bahia, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, *17*(4), 549–559. https://doi.org/10.1590/S0102-33062003000400008

Harris, S. A. (2025). *Etimologia dos nomes genéricos das plantas brasileiras*. Jardim Botânico de Brasília.

Hora, I. P., & Affonso, P. (2021). Nymphaeales no núcleo Curucutu, Parque Estadual Serra do Mar, São Paulo, SP, Brasil. *Brazilian Journal of Development*, *7*(3), 22234–22246. https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-097

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024). *Vitória da Conquista*. Recuperado em 18 de abril de 2024, de https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/panorama

Jesus, R. B. (2010). Os recursos naturais e sua exploração na formação territorial do município de Vitória da Conquista – BA. *Enciclopédia Biosfera*, *6*(9), 1–13.

Kaeser, S. S., Ulguim, P. S. B., & Menini-Neto, L. (2017). Ciclo de vida de *Nymphaea caerulea* Savigny (Nymphaeaceae) em ambiente artificial com ênfase na fenofase reprodutiva. *CES Revista*, *31*(1), 26–43.

Kinupp, V. F., & Lorenzi, H. (2014). *Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: Guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas*. Instituto Plantarum de Estudos da Flora.

Lima, C. T. (2018). Flora das cangas da Serra dos Carajás, Pará, Brasil: Nymphaeaceae. *Rodriguésia*, *69*(1), 153–156. https://doi.org/10.1590/2175-7860201869113

Lima, C. T., & Giulietti, A. M. (2013). *Nymphaea vanildae* (Nymphaeaceae): A new species from the Caatinga in Brazil. *Phytotaxa*, *134*(1), 42–48. https://doi.org/10.11646/phytotaxa.134.1.3

Lima, C. T., Giulietti, A. M., & Santos, F. A. R. (2012). Flora da Bahia: Nymphaeaceae. *Sitientibus, série Ciências Biológicas*, *12*(1), 69–82. https://doi.org/10.13102/scb120

Lima, C. T., Machado, I. C., & Giulietti, A. M. (2021). Nymphaeaceae do Brasil. *Sitientibus, série Ciências Biológicas*, *21*, e4986. https://doi.org/10.13102/scb4986

Lima, E. A., Machado-Filho, H. O., & Melo, J. I. M. (2013). Angiospermas aquáticas da Área de Proteção Ambiental (APA) do Cariri, Paraíba, Brasil. *Rodriguésia*, *64*(4), 667–683. https://doi.org/10.1590/S2175-78602013000400001

Lima, C. T., Sousa, D. J. L., Aona, L. Y. S., Costa, G. M., & Amaral, M. C. E. (2018). Nymphaeaceae. In A. P. N. Prata, M. C. V. Faria & A. C. Mota (Orgs.), *Flora de Sergipe* (vol. 3, pp. 121–131). Edufal.

Lorenzi, H. (2000). *Plantas daninhas do Brasil: Terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas* (3ª ed.) Instituto Plantarum.

Lorenzi, H., & Souza, H. M. (2001). *Plantas ornamentais no Brasil: Arbustivas, herbáceas e trepadeiras* (3ª ed.). Instituto Plantarum.

Maia, M. R. (2005). *Zoneamento Geoambiental do município de Vitória da Conquista – BA: Um subsídio ao planejamento* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal da Bahia.

Marinho, L. C., & Leitão, C. A. E. (2014). Herborization hot chamber set upon a steel stand: A low-cost alternative for laboratories in developing countries. *Revista Biociências*, *20*(2), 32–39.

Moreira, A. D. R., & Bove, C. P. (2017). Flora do Rio de Janeiro: Nymphaeaceae. *Rodriguésia*, *68*(1), 91–97. https://doi.org/10.1590/2175-7860201768116

Moreira, S. N., & Pott, V. J. (2018). Lista das Nymphaeales de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Iheringia, série Botânica*, *73*(supl.), 283–286. https://doi.org/10.21826/2446-8231201873s283

Mori, S. A., Boom, B. M., & Prance, G. T. (1981). Distribution patterns and conservation of eastern Brazilian coastal forest species. *Brittonia*, *33*, 233–245. https://doi.org/10.2307/2806330

Moura-Júnior, E. G., Cotarelli, V. M., & Lima, L. F. (2024). Plantas Aquáticas do Nordeste do Brasil. In M. O. D. Pivari, P. H. A. Melo & E. G. Moura-Júnior (Eds.), *Plantas Aquáticas do Brasil* (pp. 98–115). Editora UFV.

Murta, R. M., Teodoro, S. M., Bonomo, P., & Chaves, M. A. (2005). Precipitação pluvial mensal em níveis de probabilidade pela distribuição Gama para duas localidades do Sudoeste da Bahia. *Ciências Agrotécnicas*, *29*(5), 988–994.

Norte, A. C. C., Zanella, L., & Alves, W. C. (2015). Espécies vegetais com potencial ornamental para utilização em *wetlands* construídos. *Anais do 2. Simpósio Brasileiro sobre Wetlands Construídos*. UTFPR.

Padovesi-Fonseca, C. (2008). Macrófitas aquáticas da Lagoa Bonita. In F. O. Fonseca (Org.), *Águas Emendadas* (pp. 185–186). Seduma.

Pellegrini, M. O. O. (2026). Nymphaeaceae. In *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Recuperado em 6 de abril de 2026 de https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB173

Pivari, M. O. D., Melo, P. H. A., Moura Junior, E. G., Moreira, S. N., Lopes, A., Pott, V. J., Pott, A., Lins, A. L. A., Moco, M. C. C., Oliveira, L. S., Ferreira, R. M., Simões, I. J., Ferreira, F. A., Oliveira, V. B., & Stehmann, J. R, (2024). Checklist das plantas aquáticas do Brasil. In M. O. D. Pivari, P. H. A. Melo & E. G. Moura-Júnior (Eds.), *Plantas aquáticas do Brasil* (pp. 185–258). Editora UFV.

Plants of the World Online. (2026). Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Recuperado em 6 de abril de 2026, de https://powo.science.kew.org

Pott, V. J. (1998). A família Nymphaeaceae no Pantanal, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, *12*(2), 183–194. https://doi.org/10.1590/S0102-33061998000200007

Pott, V. J., & Pott, A. (2000). *Plantas aquáticas do Pantanal*. Embrapa.

Pott, V. J., Pott, A., Lins, A. L. F. A., & Moreira, S. N. (2024). Pesquisas sobre plantas aquáticas no Brasil. In M. O. D. Pivari, P. H. A. Melo & E. G. Moura-Júnior (Eds.), *Plantas aquáticas do* Brasil (pp. 17–47). Editora UFV.

Schneider, E. L., & Williamson, P. S. (1993). Nymphaeaceae. In K. Kubitzki, J. G. Rohwer & V. Bittrich (Eds.), *The Families and Genera of Vascular Plants - Flowering Plants, Dicotyledons* (vol. 2, pp. 486–493). Heidelberg: Springer-Verlag. https://doi.org/10.1007/978-3-662-02899-5_57

Silva, E. C. V., & Fontes, K. A. A. (2018). Macrófitas aquáticas no nordeste maranhense: levantamento florístico e chave de identificação. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Naturais*, *13*(3), 355–365. https://doi.org/10.46357/bcnaturais.v13i3.342

Silveira, P. A. (2011). Indicadores de vulnerabilidade e classificação de áreas de risco ambiental na vertente sul da Serra do Periperi em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Revista Geográfica de América Central*, *2*, 1–15.

Sousa, D. J. L., & Matias, L. Q. (2012). Sinopse do gênero *Nymphaea* L. (Nymphaeaceae) no Estado do Ceará. *Revista Caatinga*, *25*(3), 72–78.

Sousa, D. J. L., & Matias, L. Q. (2013). A família Nymphaeaceae no Estado do Ceará, Brasil. *Rodriguésia*, *64*(1), 49–59. https://doi.org/10.1590/S2175-78602013000100006

Souza, W. O., Pena, N. T. L., Garbin, M. L., & Alves-Araújo, A. (2017). Macrófitas aquáticas do Parque Estadual de Itaúnas, Espírito Santo, Brasil. *Rodriguésia*, *68*(5), 1907–1919. https://doi.org/10.1590/2175-7860201768523

Torres, C. R. M., Fernando, E. M. P., & Lucena, M. F. A. (2016). Checklist de plantas aquáticas em trechos de Caatinga do Semiárido paraibano, Nordeste do Brasil. *Gaia Scientia*, *10*(4), 284–296. https://doi.org/10.21707/gs.v10.n04a23

Wiersema, J. H. (1987). A monograph of *Nymphaea* subgenus *Hydrocallis* (Nymphaeaceae). *Systematic Botany Monographs*, *16*, 1–112. https://doi.org/10.2307/25027681

Wiersema, J. H., Novelo, A. R., & Bonilla-Barbosa, J. R. (2008). Taxonomy and typification of *Nymphaea ampla* (Salisb.) DC. *sensu lato* (Nymphaeaceae). *Taxon, 57*(3), 967–974. https://doi.org/10.1002/tax.573025

Como Citar este Artigo:
How to Cite this Article:

(ABNT)
MATOS, L. S.; CAIRES, C. S. Nymphaeaceae Salisb. em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Paubrasilia**, Porto Seguro, v. 9, e218, 2026. DOI: 10.33447/paubrasilia.2026.e0218

(APA)
Matos, L. S., & Caires, C. S. (2026). Nymphaeaceae Salisb. em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Paubrasilia*, *9*, e218. https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0218